



Director literario:  
*Arquibaldo Campinho*  
 PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:  
*Juarez Colla*  
 PAPUSSE

# "Zé" Pireza e os antropófagos



Pireza-colonial  
 no interior africano —  
 estava há perto dum ano,  
 ausente de Portugal.

Farto de pretos em guerra,  
 — (antropófagos por vezes) —  
 Saudoso dos portugueses  
 pensa em voltar para a terra!



Mas nisto um bando aparece,  
 dos tais pretos comilões,  
 que, no dizer de Camões,  
 o proprio ar escurece.

Assustadissimo, então,  
 «Zé» Pireza, abanado,  
 vendo a bananeira ao lado,  
 qual tabua de salvação,

marinha lépido, salta  
 e dá um pulo tamanho  
 que foge até do desenho  
 onde o pés o nosso Malta!

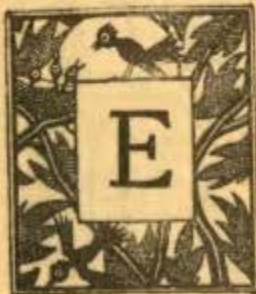




# O PRINCIPE DORMINDO

CONTO DE FADAS POR JOSÉ FRANCISCO  
DESENHOS DE E. M.

(Continuação do número anterior)



**E**NTRARAM pela janela do quarto, entre-aberta e, sem o mais leve rumor, o Príncipe beijou a princesa subtilmente, como se beija uma flôr mimosa. Quando, porém, se dispunham a sair, uma fada vestida de seda azul, saiu da caixa de pó de arroz da princesa e disse ao Príncipe, em ar de repreensão: — quem guarda o sono da princesa sou eu; o acto que acabas de praticar é incorrecto. No quarto de uma menina não entra nunca um homem e tu entraste sem pedir li-

ceça, indo beijar a princesa traiçoeiramente, pelo que serás castigado: dormirás sempre; só um milagre te despertará!

A Lua, fitando o céu, tristemente, fez uma pausa e, depois, continuou: Quantos anos lá vão depois disto e ainda ninguém despertou o Príncipe. Como conseguirás tu, ingénua criança, lutar com tão poderosa fada? Em todo o caso, vai a casa do Vento para elle te dizer onde fica o palácio do Príncipe dormindo, o que eu não sei.

— As palavras da Lua eram um incentivo à energia de Lídia, que, corajosamente, seguiu a sua jornada em busca da casa do Vento, compadecida da desgraça do Príncipe por ter amado tanto. E assim Lídia, seguiu o seu caminho, an-

dando, andando, vendo nascer o sol, até que, já quasi noite, avistou, ao longe, uma casa negra e muito feia.

Que será aquillo? pensou ella.

Chegando lá, percebeu logo que era a casa do Vento, por estar esburacada, com telhas levantadas e, sentada no degrau da porta, uma mulher androjosa, desgrehada, com cara de poucas amigas, que lhe perguntou o que queria.

Lídia, com humildade, disse-lhe se lhe fazia o favor de lhe indicar o palácio do Príncipe dormindo. A mulher agressiva, respondeu-lhe, com mau modo, que só na casa do Sol lhe sabiam dizer o que ella queria, mas que se puzesse a andar depressa, que, se o seu filho vinha, era uma questão, um barulho medonho. Não queria lá ninguém; ali era a casa do Vento e sabia Deus o que a ella lhe custava a aturá-lo. Lídia assustada, apressou o passo e foi em direcção à casa do Sol. Dois quilómetros antes de lá chegar, percebeu que estava perto, porque tudo quanto via era dourado: as pedras, as árvores, os rios, as aves e até as nuvens eram douradas no azul do céu, o que ficava tão bem.

A casa parecia um grande guarda-joia.

Lídia achou encantador aquelle panorama. Esquecendo o cansaço produzido pela sua jornada, demorou-se a contemplar aqueles effeitos de luz. Chegando à casa, viu abrir-se uma linda janela de crystal, com caixilhos de filigrana, e uma rapariga, vestida à moda do Minho, cheia de cordões de ouro e brincos muito grandes, que lhe perguntou o que



queria. Venho, respondeu Lídia, perguntar ao Sol onde fica, o palácio do Príncipe dormindo. Perguntei na casa da Lua, mas não sabiam. Perguntei na casa do Vento e lá me disseram que só aqui me poderiam informar.

— Espere um pouco, menina. Está quasi a pôr-se o Sol. Ele vem logo para casa e lhe dirá o que souber.

Lídia esperou pacientemente, quando começou a sentir-se um calor ardentíssimo. Era o Sol a recolher à sua casa. Entrou, sorriu para a linda pequena e, ao saber a sua desdita, da melhor vontade lhe deu todas as indicações começando assim: — Querida Lídia, grandes perigos te esperam. O palácio do Príncipe dormindo é guardado por dois leões enormes, tendo na boca as chaves de todas as portas do palácio. Tu chegas junto deles; se estiverem com os olhos abertos estão a dormir, se os tiverem fechados, estão acordados e, neste último caso, não penses em lhes tirar as chaves. Se tiveres a sorte de os encontrar a dormir, tira-lhes as chaves com muito jeito e mete-lhe o teu lenço na boca, indo em seguida, abrir todas as portas, a última das quais é a do quarto do Príncipe. Ele está deitado num divan de seda azul, encostado a almofadas de penas de cisne. Cobrem-no lindos brocados. O seu cabelo é tão loiro como os trigais maduros e a sua pele é tão branca e aveludada como as pétalas das rosas. Dorme sereno e tranquilo, parecendo que está sonhando com os anjos. Ao lado do divan está uma grande taça de cristal com leite e uma esponja.

Para tirares o encanto àquele formoso Príncipe, tens de lhe banhar o rosto com o leite todo, até à última gota. Olha que aiaca é uma tarefa demorada, mas tem paciência que é o último sacrificio.

Eu sei, tudo, porque entro em todas as casas, flumino todos os cantos; a mim nada se me esconde. Vai e que sejas muito feliz, é o que eu te desejo. E beijou-a meigamente. Lídia lá foi, auxiliada por Deus. Teve a sorte de encontrar os leões com os olhos abertos, e, com as suas mãos pequeninas, tirou-lhes as chaves, cautelosamente, mas, substituindo-as pelo seu fino lençinho de rendas. Penetrou no palácio, abrindo todas as portas, como lhe ensinaram. Ao abrir a última porta, soltou um grito de surpresa: a descrição que a Lua lhe fizera do Príncipe dormindo estava muito áquema do que ele era. Que lindo era o Príncipe assim a

dormir; nunca os seus olhos tinham visto um homem tão formoso; bem empregadas todas as canceiras. Começou, então, a sua doce tarefa de molhar com leite da taça de cristal o rosto do Príncipe. Lídia, num louco anseio, não desperdiçava o precioso liquido que havia de despertar o homem mais lindo do mundo. Esquecida de todos os sofrimentos, sem ver o sangue que brotava dos seus mimosos péssinhos, massacrados pelas pedras dos caminhos, ela banhava o rosto do Príncipe, incansavelmente, na esperança de o ver sorrir.

Como seria o sorriso d'ele? Os olhos eram azues, está claro. E a sua voz? devia ser como o chilrear de uma ave. E sonhava, sonhava sempre, quando pensou em si. Ela havia de apresentar-se assim, cheia de poeira, os sapatos rotos, as faces queimadas pelo sol e pelo vento, as olheiras róxas de tantas noites sem dormir? Pobre Lídia! não se lhe acabavam as preocupações! Quando estes pensamentos tanto a afligiam, o Príncipe despertou. Lídia estremeceu; ajoelhando, resava, chorava e ria ao mesmo tempo, numa alegria louca.

O Príncipe, olhou mas nada viu no primeiro momento. Os seus olhos, há tanto tempo fechados, não distinguíam bem. Estregou-os com uma das mãos, sentou-se no divan e, quando viu Lídia, sorriu. O sorriso d'ele era como o ratar da anora. Dirigiu-se a Lídia, disse:

— Como pudeste chegar até junto de mim e desencantar-me, se há tantos anos aqui estou? Lídia respondeu: Olhando para mim, podias fazer idéa dos trabalhos que passei para chegar aqui, mas dou tudo por bem empregado por vos ver restituído à vida e à felicidade. Assim que Lídia quebrou o encanto ao Príncipe, apareceram criados e criadas que estavam encantados em diferentes móveis. Lídia foi conduzida aos aposentos mais ricos do palácio, dormiu dois dias sem acordar e, nesse entretanto, o Príncipe mandou vir o mais rico e elegante enxoval, avisou os pais e irmãos da noiva, deu todas as ordens para uma festa muito bonita. Quando Lídia acordou, estava tudo preparado para um casamento, que se realizou na capela do palácio. Lídia, toda de branco, ia tão linda que parecia uma estrela e o Príncipe dormindo, vestido de brocado, parecia o Sol num dia sem nuvens.

## F I M



## Decifração do conto hieroglífico O SALOIO e a BOMBA

Um saloio foi a uma loja para comprar uma bomba para a quinta. O caixeiro garantiu que com o aparelho, teria água. Passados dias voltou o saloio indignado:

— Você é um pantomineiro!  
— Mas oiça cá. Que profundidade tem o poço?  
— Essa é boa! Então, acredita que se eu tivesse um poço precisava da bomba para tirar água?





por  
**Gracielle Branco**

(desenhos de e. m.)



**B**ÉBÉ, à beira do mar,  
com outra linda criança,  
não se cança  
de brincar!

Com grandes porções de areia,  
que transportam em mão cheia  
ou nas pázinhas baratas,  
constroem barcos, vapores,  
«gasolinas» com motores,  
canoas, navios, «chatas»...

Baixados,  
todos curvados  
sobre a tarefa importante,  
Bébé e a outra criança  
não veem que o mar avança  
como terrível gigante...

As mãozinhas espalmadas  
batendo na fofa areia,  
cheia  
de scintilações...

Os pequenos corações  
em delirantes pancadas  
de Alegria!...  
(Jesus! Mas, ai, quem diria  
que o mar subia, subia,  
como terrível gigante!...)

Já o Bébé, triunfante,  
acabava de brincar,  
quando,  
olhando  
para o mar,  
berrou,  
gritou  
com horrôr





— «Ai, Zézé! Vem, sem demora,  
para ao pé da nossa mãe!  
Olha o mar onde já vem!  
Anda, Zézé! Vem-te embora!»

E Bébé, com muito siso,  
agarrou na sua pá,  
e fugiu já, já, já, já,  
como se fôsse um senhor,  
todo cheio de juízo...

E, de longe, inda gritou:  
— «Zézé! Zézé! Olha o mar!»

Mas o Zézé, a brincar,  
respondeu:— «Não vou. Não vou,  
Cala-te! Vê se sossegas!  
Deixa-me em paz, por favor!  
Não te faças tão piegas!  
Quero acabar o vapôr.»

Mas, de repente — Jesus!  
Zumba! Zumba! Catrapuz!  
O mar,  
sem já recuar,  
revôlto, cruel, ligeiro,

encharca o feio rabino  
que é salvo, bondosamente,  
por previdente  
banheiro  
que ía a passar muito perto,  
(mais previdente, decerto,  
do que os Papás do menino...)

E quando o outro Bébé,  
cheio de muito juízo,  
lhe disse:—«Vês?!... É preciso  
não ser teimoso, Zézé!...»  
O Zézé, envergonhado,  
pondo os olhinhos no chão,  
respondeu: — «Tu tens razão.»



Prometo, do coração,  
ter sempre muito cuidado  
porque o fatinho molhado  
já me serviu de lição.»





# A DESFORRA

POR GAROTA ENDIABRADA



RA linda em criança. Olhos meigos, profundos, sonhadores, inocentes.

Cabelos quasi louros, aos caracois, caindo-lhe graciosamente em aneis irrequietos sobre os ombros frágeis.

Tinha um ar meigo; figurinha de anjo, quasi etérea.

A infância decorrerá-lhe feliz e tranqüila entre os carinhos dos Pais que a estremeciam e os folguedos próprios da idade, em

que tomavam parte activa os seus dois amiguinhos, Gustavo e Frederico. Ao baptisarem a boneca preterida, era sempre Gustavo, com o seu ar varonil, que servia de Papá do gentil bebé de cabelos de estôpa e cara de porcelana...

A pia baptismal iam elles improvisá-la no regaço da mãe que os oitava embevecida.

Frederico, mais sério, menos alegre, mais ponderado, servia de sacristão para acompanhar os amiguinhos.

E assim, as três crianças amicíssimas iam crescendo e brincando juntas. Um dia, porém, por motivo de negócios dos Pais, Maria Eulália teve de se separar do seu grande amigo, que se habituara a estimar ingenuamente como paladino dos seus sonhos de criança. Chorou muito, levou o coração oprimido numa grande tristeza. Também elle se sentia só e triste ao separar-se da sua companheira querida, e jurou que nunca a esqueceria.

Passaram-se anos. Crescendo numa atmosfera má e cheia de dificuldades, Maria Eulália estava magra, entesada e triste.

Da antiga criança restavam apenas os mesmos olhos negros, sonhadores, inocentes!

Os cabelos, em aneis escurecidos, davam-lhe ao rosto velado um ar triste, mas profundamente encantador.

Quiz o acaso que voltasse a encontrar o seu amigo de infância, aquele que nunca ainda lhe saíra do pensamento.

Estava já um homem. Cursava direito. Foi com ar distraído, e quasi sem reparar nela, que Gustavo lhe ouviu falar, com o peito opresso e os olhos velados de lágrimas, dessa infância querida, que ella recordava com saudade.

— *Vai deixar-me, parte para esse mundo que se me afigura cheto de tentações e esquecimentos!* — soluçou ella. — *Não —* voltou por cortezia — *Os amigos de infância não se esquecem; e nós fomos tão bons amigos!...*

— *Bons amigos!* A sua intelligência arguta não escapou o verdadeiro sentido da frase. Gust. vo não a amava.

O sonho que tantos anos acalentara desfazia-se dolorosamente na realidade.

Ele partiu. E esse coração ferido que sangrara, sangrara... compreendeu por fim que a seu lado se conservara sempre fiel, sempre apaixonado, o tímido Frederico.

Compreendeu toda a belesa dêsse amor e correspondeu-lhe com todas as veras do seu coração, aceitando-o para noivo.

Concluidos os estudos, Gustavo regressou à sua terra natal. Ao ver a sua antiga amiguinha ficou maravilhado. Maria Eulália estava formosíssima. Desabrochara uma ridente formosura que a todos encantava. Tristemente, dolorosamente, elle suplicou:

— *Esqueceu-me, vai casar em breve, Maria Eulália?*

— *Oh! não —* voltou-lhe ella com um sorriso deslumbrante em que deixava admirar uma fileira de dentes, admiravel — *Os amigos de infância não se esquecem; e nós fomos sempre tão bons amigos!...*

FIM





# HORA DO RECREIO

## O copo que não trasborda

ENCHAM até cima um copo de vidro fino, coloquem-no sobre um prato e perguntem aos vossos amigos quantas moedas poderão ser metidas nesse copo sem que o liquido trasborde.

As opiniões são variaveis, mas quasi todas dizem menos do que, de facto, se podem meter nesse copo, como vamos explicar.

Uma a uma, vão-se metendo as moedas com toda a precaução.

A água vai subindo, formando um arco e chega a fazer um ângulo bastante pronunciado se não estremeçerem a mesa em que esta operação for feita, ou não meterem as moedas precipitadamente.



## ANEDOTAS

Um pai para o filho, que é muito preguiçoso:

— Que queres fazer quando fores mais crescido?

— Quero fazer calendários.

— Calendários? Para quê?

— Para meter em cada semana três domingos!

■ ■ ■

Um ricoço, não sabendo em que empregar grande porção de dinheiro disponível que tinha, foi ter com um amigo a quem disse:

— Olha lá, . . . desejava empregar o meu dinheiro, mas em coisa que subisse. Que me aconselhas tu que faça?

— Compra foguetes e balões; — respondeu o amigo

Tiódilo Soares Reis

## ADIVINHA

Substituir os pontos por letras, para se encontrar o nome de vários países europeus.

L.....  
 .....A  
 .....H.  
 .....A  
 P.....  
 ..S....  
 .....A  
 .O.....  
 .....G..  
 ....I.  
 .....A  
 .....R.

DOMINGOS PEREIRA



desenho para tracejar e colorir



# O BEBÉ e o ANIMATOCRAFO

POR

ANIBAL  
NAZARE

U.S. & OIZIMMO



Ontem à tarde, BéBé  
bateu o pé,  
e chorou, que me fez pena!  
Eu pude saber então  
qual era a sua ambição:  
Bebé quer'ir ao Cinema!  
Se está a rir ou a gritar,

Bébé, está no seu elemento!  
E a sua voz de estentor  
parece querer imitar  
o tambor  
dum regimento  
a tocar!

Bébé adora Charlot!  
E' o avô  
que tanto adora o traquinas,  
leva-o bastante a miúdo  
às paródias do Pencudo

e à sisudez de Pamplinas!  
Mas o que não faz sentido  
é Bébé  
que bate o pé  
e faz um grande alarido  
quando lhe dizem: — caluda! —  
ser afinal um perdido  
pela «Arte Muda»! ...

Pois se Bébé, que é um amor,  
lhe dá p'ra rir ou gritar,  
a sua voz de estentor  
parece querer imitar  
o tambor  
dum regimento  
a tocar!

## CONCURSO DE DESENHO com tósforos

Em virtude da extraordinária afluência de provas ao nosso Concurso, só no próximo número poderemos reproduzir os três melhores desenhos e publicar a lista dos autores mais classificados.

Como todos os dias nos teem sido enviados desenhos, prevenimos os nossos leitores de que já se encontra encerrado o Concurso e de que brevemente abriremos outro, mais sensacional.

## AVISO IMPORTANTE

Encontram-se à venda em todas as tabacarias do país, os últimos exemplares da linda construção de armar a 3 côres.

**O AVIÃO "JUNKERS"**  
modelo perfeito do taxi-aéreo, muito fácil  
de armar, ao preço de

**1\$50**

Querendo recebe-la com o porte absolutamente

**GRATIS**

Enviem um vale do correio desta importancia a

**A. C. LOPES**  
AMADORA